

A Capital do Desaparecimento

Graham Denyer Willis

([Clique aqui para a versão original em inglês](#); [clique aqui para a tradução em espanhol](#))

Tradução feita em colaboração entre um humano e o DeepL

Em 23 de setembro de 2020, a Volkswagen Brasil assinou um acordo judicial com o Ministério Público Federal. Esse acordo, que encerrou três investigações em andamento pelo Ministério Público, deu algo como um desfecho a um caso que se arrastava há quase meio século. Durante a ditadura da Guerra Fria apoiada pelos Estados Unidos, a Volkswagen atuou como agente oculta do regime militar brasileiro. Sob o pretexto de economia, desenvolvimento e progresso, ela na verdade ajudou o regime a identificar, torturar e desaparecer seus próprios funcionários da linha de montagem suspeitos de serem esquerdistas e líderes sindicais. Solicitada a descobrir inimigos da segurança nacional, ela atuou como um braço repressivo em um dos momentos mais sombrios da história recente do Brasil, fornecendo espaço, conhecimento e métodos para permitir que o regime torturador detectasse todo e qualquer sentimento anti-hegemônico.

Este acordo, assinado mesmo enquanto outros processos seguem em andamento, surgiu em meio a uma pandemia global agravada pelas medidas de austeridade anunciadas em tom de terror por um presidente neofascista, Jair Bolsonaro. Mas, ao fazer isso, também trouxe uma questão oportuna de volta ao primeiro plano. Como as empresas fazem o trabalho de terror e desaparecimento? De quem são as contas bancárias que se enchem ao separar famílias?

É no primeiro plano que essas questões devem estar, forçando a discussão sobre se falamos do terror do passado ou do terror do presente.

Não é por acaso que “terror” e “desaparecimento” andam juntos. Por quê, então, é nossa preocupação. Em um nível de abstração, eles colidem nos mesmos momentos históricos, embora sua direcionalidade seja frequentemente confusa e contestada. Ambos são descritos como “atos”; coisas que as pessoas fazem por uma causa. E eles estão, é claro, em uma relação empírica e afetiva; isto é, o ato do desaparecimento — o que também significa a *intenção* dele — está em uma relação causal com o resultado, uma emocionalidade do terror.

Mas a emocionalidade do terror não é apenas um afeto; é a propriedade sistêmica de um regime global que usou a intenção do terror como um tentáculo e intermediários para reforçar a supremacia do poder americano e do capitalismo global. Há muito tempo, governos apoiados pelos Estados Unidos, paramilitares e forças privadas mercenárias empregam o terror para reprimir o dissenso, fazer as pessoas voltarem ao trabalho e sufocar a discordância quando ela chega à insurgência. A história desse trabalho é densa e abrangente, e objeto de uma vasta quantidade das mais rigorosas pesquisas e escritos.

É preciso puxar um fio dessa grande tapeçaria para ajudar a desvendar o todo. A superioridade americana é construída por meio do capital, de tal forma que o negócio do desaparecimento e do terror — seja a “contrainsurgência” ou a deportação por motivos raciais — é, em si, o método de ganhar dinheiro. É fácil condenar o envolvimento de empresas ruins ou enquadrar esse problema em termos de desvios antiéticos que devem ser combatidos por meio da exposição pública. Mas o uso dos negócios para realizar o trabalho do terror não é novo e é apenas

parcialmente evidente para os observadores externos. Embora a exposição pública dessa relação seja vital, ela não pode contestar o que não conhece nem o que as relações mutáveis do capitalismo mantêm aparelhado e fora da visibilidade.

Embora tenha acontecido dentro da fábrica, levou décadas para que o trabalho da Volkswagen para uma ditadura apoiada pelos EUA viesse à tona.

E mesmo assim, foi fácil para a empresa enquadrá-lo como uma escolha omissa: eles foram instruídos a aterrorizar. De fato, é tentador ver as ações da Volkswagen e de outras empresas semelhantes como “cumplicidade” ou, em outras palavras, exemplos de escolhas pusilânimes entre muitas outras melhores, e em um momento de más condições políticas. Eles tiveram que permitir a entrada do governo quando este o solicitou.

O que sabemos agora, no entanto, é que isso era mais como uma parceria. A decisão da Volkswagen não foi difícil. Usar a repressão do governo militar, discretamente e sem muito alarde, sempre foi do interesse mútuo. O líder sindical não era apenas um dissidente político a ser capturado e retirado da sociedade, uma fratura em potencial no regime, mas também a personificação de um movimento trabalhista com um horizonte de poucas possibilidades comerciais. Sem líder e apreensiva, uma linha de montagem sem rumo prometia muito para os resultados financeiros — custos mais baixos, trabalhadores facilmente substituíveis e uma força de trabalho que sempre olhava pelo retrovisor, para a vasta reserva de mão de obra excedente disposta a trabalhar duro em seu lugar.

A indústria empresarial-governamental do terror e do desaparecimento não deve ser vista em termos de cumplicidade. Mesmo na excepcionalidade de uma ditadura da Guerra Fria, esta é mais uma iteração de uma ligação óbvia entre aliados políticos e econômicos: um, entusiasmado por ter um corpo dócil de trabalhadores sussurrando sobre o custo de ser um líder e organizador na linha de frente; o outro, alegre por ter extinguido ainda mais figuras vocais e atrativas de sua causa, chocando os demais a ponto de voltarem à docilidade. O desaparecimento e o terror eram bons para os negócios, servindo tanto para silenciar uma força de trabalho à beira de subjetividades políticas maiores quanto para reforçar o investimento do regime militar nessa indústria de desenvolvimento e progresso.

O chão de fábrica era um espaço de desaparecimento e terror, reunindo a disciplina do trabalho e a disciplina da geopolítica dos EUA. Mas o capitalismo muda e, com ele, os métodos de produção e as maquinacões daqueles capazes de usar o desaparecimento e o terror para ganhar dinheiro. O negócio do terror e do desaparecimento no atual nativismo fascista estadunidense usa as ferramentas do capitalismo contemporâneo para fazer o projeto avançar. Vastos armazéns, pertencentes a fundos de investimento imobiliário, fundos de pensão e empresas imobiliárias e fundiárias listadas na bolsa de valores, típicos do capitalismo de dados e logística que corre nas veias do consumo americano, são reformados por meio de arrendamentos para transformá-los em diferentes modalidades de terror e desaparecimento. E assim também este regime faz uso do mais novo modo de produção — os dados — para identificar, prever e moldar, alavancando relações com líderes setoriais que se tornaram suplicantes, mas que têm poucos escrúpulos em aceitar um contrato público lucrativo.

O desaparecimento e o terror são lucrativos. Por ordem política, eles geram excedentes e são usados para diminuir custos. Nisso não há nada de novo, exceto o “como”.

A profundidade dessa relação é obscurecida pelas características do modo de produção atual, cujas técnicas e conhecimentos são evidentes para muito poucos. O que não pode ser conhecido agora será conhecível no futuro, e é com base nisso que novos futuros serão construídos. Esses futuros buscarão reparação, como fizeram com a Volkswagen, mas precisarão ir além, reconhecendo como o desaparecimento e o terror aprofundaram os interesses e a concentração do capital. E se a restituição futura por esses horrores fascistas incluir tudo, desde os valores ganhos com o trabalho explorado até os dólares arrecadados para separar famílias, e reconhecer os excedentes acumulados ao fazer as pessoas desaparecerem e semear o terror como método de governo?